

O que significa biopoder? O impacto sobre o indivíduo e a sociedade¹

Ursino Neto

“O homem, durante milênios, permaneceu o que era para Aristóteles: um animal vivo e, além disso, capaz de existência política; o homem moderno é um animal, em cuja política, sua vida de ser vivo está em questão”. (Michel Foucault, *História da sexualidade I: A vontade de saber*).

“O velho direito de *causar* a morte ou *deixar* viver foi substituído por um poder de *causar* a vida ou *devolver* à morte. (...) Abre-se, assim, a era de um “bio-poder”” (Michel Foucault, *História da sexualidade I: A vontade de saber*).

SUMÁRIO

- 1 Considerações preliminares
- 2 A relação histórica entre o poder e a vida
 - 2.1 O poder soberano
 - 2.2 O biopoder
 - 2.2.1 O poder da disciplina
 - 2.2.2 O poder da biopolítica
- 3 A resistência ao biopoder
- 4 Considerações finais

1 Considerações preliminares

Bioética é um saber contemporâneo concernente à relação entre *vida* e *ética*. Ela adquiriu um caráter polissêmico na cultura ocidental porque é compreendida a partir de diferentes conotações.

Para as correntes de pensamento tradicional da bioética, o referente *bio* é proveniente do campo da biologia e diz respeito à concepção de vida humana. Embora para Van Potter, o inventor da palavra, ou seja, do neologismo (bioética) no início dos anos de 1970 nos EUA, o conceito de vida deveria ser extensivo e aplicado para o conjunto dos seres vivos do planeta Terra.

O outro signo componente da palavra nas definições tradicionais se refere ao campo da *moral* e não da *ética*; sendo assim, o termo adequado seria *biomoral*².

Entretanto, como o senso comum aceita, a linha de pensamento hegemônica considera a bioética um saber que estabelece princípios para balizar as intervenções sobre a vida humana, por exemplo, a tecnologia de pesquisa em biomedicina.

¹ Texto didático 3 (graduação 2020.1), uma referência para produzir um *exercício de experiência ética*.

² Cf. O texto didático 2: *O conceito de Bioética como Ética-da-vida ou Aionética*.

Como foi visto no primeiro texto didático³, uma das interpretações da bioética a situa como uma “resistência ao biopoder”, colocando-a como um desafio contemporâneo.

O objetivo do texto didático é investigar o tema do *biopoder* para compreender o conceito de *ética-da-vida* ou *aionética* como uma *bioética de resistência*.

Adiante no nosso Módulo, em outro texto didático, será estudada a relação entre o biopoder e a medicina.

Qual o significado de biopoder?

A exploração adequada do significado de um termo ou de um conceito inicia pela análise dos signos presentes ou contidos neles.

O senso comum estabeleceu a definição do étimo *bio* como vida. Adiante, em outro texto didático, se fará uma leitura crítica deste tema.

Aqui a ênfase da nossa pesquisa será sobre o outro conceito que compõe a palavra biopoder, ou seja, *poder*.

Então, se parte de um questionamento que perpassa a cultura ocidental desde a Grécia clássica: o que é o poder?

Embora o filósofo contemporâneo Byung-Chul Han tenha escrito recentemente que “em relação ao conceito de poder ainda existe um caos teórico”⁴, é possível elaborar uma resposta coerente a partir da transversalidade de saberes compreendendo história, filosofia, política, sociologia, direito etc. como produziu Michel Foucault (1926-1984) em seu trabalho de pesquisador e docente no Collège de France⁵ por aproximadamente uma década e meia.

A análise do filósofo inglês Thomas Hobbes (1588-1679), circunscrevendo o advento do período histórico da Modernidade, na obra-prima *Leviatã* destacou como principal fonte da constituição do poder a eclosão da figura do Estado.

Seguindo-o, a tradição filosófica consolidou o pensamento que associa o conceito de poder à autoridade, à imposição, ao arbítrio do Estado, considerando o papel deste último como essencialmente repressor.

Foucault estabeleceu outro percurso interpretativo. Para ele, a expressão *o poder* é de caráter universal, uma abstração teórica e genérica que não atua na singularidade dos homens.

Sendo assim, é necessário interpretar o poder por outro prisma buscando compreender como ele se torna efetivo, como é aplicado para fazer funcionar uma prática, pois o que opera e age na vida humana concreta são as *relações de poder*.

Para o filósofo francês, o poder não é um “objeto natural”, algo que se detém como uma coisa ou mesmo um pertence, mas aquilo que “se exerce, só existe em ação, (...) é (...) acima de tudo uma relação de força”⁶.

A investigação foucaultiana abriu uma nova perspectiva para se compreender a definição e o significado de poder porque o associou intrinsecamente a outro conceito - o *saber*.

Para Foucault, saber é poder e vice-versa. Eles são lados distintos de uma relação de equivalência. Ambos se implicam mutuamente, se pertencem: são entrelaçados, são congeminados, são co-originários. O poder produz o saber e este respalda o exercício do primeiro. *Onde há poder, há também saber*.

³ Cf. O texto didático 1: *Genealogia da Bioética: as fontes originárias e o desafio contemporâneo*.

⁴ Cf. HAN, Byung-Chul. *O que é poder?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2019, p. 7.

⁵ Instituto público de ensino superior fundado em 1530 pelo rei Francisco I em Paris. Michel Foucault lecionou *História dos sistemas de pensamento* (1970 – 1984).

⁶ Cf. FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 22° ed. São Paulo: Graal, 2006, p. 274.

Não há relação de poder sem a constituição de um campo de saber e, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder.

O saber possibilita ao poder a condição de se reproduzir e de se conservar; por outro lado, o poder permite ao saber se atualizar, se efetivar, materializar-se. Então, a aplicação deles se faz em um uso conjugado: *saber-poder* ou *poder-saber*.

Eles são um dispositivo do amplo contexto da *política*.

O filósofo francês detectou a mudança ou a reviravolta ocorrida na Modernidade envolvendo as relações entre a política e a vida humana. Dele é uma frase, já clássica, frequentemente reproduzida por seus intérpretes: “O homem, durante milênios, permaneceu o que era para Aristóteles: um animal vivo e, além disso, capaz de existência política; o homem moderno é um animal, em cuja política, sua vida de ser vivo está em questão”⁷.

Enquanto na antiguidade clássica, o homem era definido pela racionalidade que o conduzia a buscar na vida política a sua essência ou a sua condição humana; com o advento do Estado, o cerne da política passa a constituir-se em um tipo de racionalidade exterior à formação do homem e, sobretudo, com outra finalidade: agora, a política visará à regulação e ao controle de sua vida.

Eis a trilha que o texto didático seguirá para compreender e problematizar o significado entre as *relações de poder* e a *vida*.

2 A relação histórica entre o poder e a vida

Acompanhando a história cultural do Ocidente, Michel Foucault elaborou e desenvolveu o conceito de poder como expressão de duas figuras correlatas: a primeira denominada de *poder soberano* e a segunda de *biopoder*.

2.1 O poder soberano

Em linhas gerais, o *poder soberano* funcionava como um modelo vertical em que o rei, o imperador ou o senhor feudal exerciam o poder como uma possessão, isto é, um “direito” sobre a vida e a morte dos seus súditos. A principal característica deste tipo de poder era *fazer morrer*.

Um exemplo se encontra no filme *Gladiator*: a cena clássica do imperador romano indicando com o gesto do polegar para o gladiador vitorioso a ação de executar ou não o seu antagonista abatido na arena.

Tal regime de poder histórico pervagou desde a idade antiga até a época moderna com a eclosão da figura do Estado.

Ao tipo de *poder soberano* ou de *poder de morte*, o filósofo francês justapôs outro tipo de regime originado da implantação do Estado moderno em que a marca peculiar se tornou o poder de *fazer viver* ou o “poder de *causar* a vida ou *devolver* à morte”. Para este regime, Foucault inventou o termo *biopoder*.

2.2 O biopoder

Assim como bioética, a palavra biopoder é um neologismo proveniente dos anos de 1970. Conceito criado por Michel Foucault, inicialmente, abordando uma especificidade: o controle da vida humana por meio do estudo da história da sexualidade.

⁷ Cf. FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. 21ª reimpressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011, p. 156.

Neste ponto do texto didático, se coloca a problematização essencial: como o biopoder se originou? Quais forças o investem de poder e qual delas se tornou hegemônica? Qual tipo de saber foi constituído no pacto de exercício com o biopoder? E o questionamento primaz: como o biopoder atuou e ainda exerce o seu poder na sociedade controlando e moldando a vida humana?

O biopoder teve origem em uma estratégia de racionalidade administrativa, a *governamentalidade*, isto é, na intenção prática de governar as instituições ou a “máquina” do Estado.

Historicamente, duas expressões dele foram identificadas: o regime *disciplinar* e o regime da *biopolítica*.

2.2.1 O poder da disciplina

De início, o biopoder incidiu sobre os indivíduos a partir do final do século XVII inserido em um saber constituindo um dispositivo político cuja peculiaridade de atuação regulava detalhadamente as atividades do corpo.

No contexto de sua implantação, o biopoder estabeleceu a *disciplina* como um *saber*, uma *técnica* para monitorar o corpo e o tempo dos homens; com isso, transformou-os em força de trabalho, formatou-os como indivíduos produtivos com a finalidade de atender o interesse do liberalismo, ou seja, do incipiente sistema econômico que se fará hegemônico como capitalismo por intermédio do controle dos meios de produção e da mais-valia obtendo o lucro.

A relação de poder que se manifesta no plano da disciplina produz normas, na maioria das vezes, indutoras de imposições coercitivas que afetam o modo de vida humana; logo, um *saber normativo* determinando o certo e o errado, o permitido e o proibido etc. como um regime da *verdade* que impõe um *molde moral*.

A consequência disso se denomina *normalização* e está presente na escola, na fábrica, no hospital, na caserna, na prisão etc.

O biopoder como disciplina foi (e continua sendo) uma estratégia da economia-política visando à subordinação da força vital do homem para impor-lhe uma dupla condição instrumental: ser útil para a economia e ser subserviente na política.

2.2.2 O poder da biopolítica

Como se configurou a segunda representação do biopoder, ou seja, o regime da *biopolítica*?

A análise histórica da conjuntura na qual ela surge, isto é, do nascimento do liberalismo é uma exigência além dos limites deste texto didático.

No entanto, registre-se que a principal tese da política liberal não parte da presença do Estado, mas da *condição de governo* para alcançar um modelo de atuação social que se pauta no domínio articulado de dois campos: o econômico e o legislativo.

O poder disciplinar e o poder da biopolítica são desdobramentos do biopoder.

Todavia, enquanto o alvo da *disciplina* era (e continua sendo) capturar o *corpo individual*, a finalidade da *biopolítica* passou a ser (e continua sendo) a *população*, pois agora o controle visa à subordinação de processos coletivos da vida social (o nascimento, a duração da vida, a mortalidade, a saúde pública etc.).

É preciso destacar que o biopoder atua nos dois planos coetaneamente: tanto em nível do corpo do indivíduo como em nível da população, abrangendo a totalidade da vida humana.

A disciplina e a biopolítica são dois tipos de intervenção, de impostura, de controle, formando um sistema de rede integrado.

Resumindo o estudo, o biopoder serviu para assegurar a inserção controlada dos corpos no aparelho produtivo e para ajustar os fenômenos da população aos processos econômicos, sendo assim um elemento indispensável para assegurar o desenvolvimento do capitalismo, a própria força hegemônica que o investe de poder.

As funções características do biopoder relativas à vida humana foram e ainda são: o controle do tempo, a organização do espaço, a vigilância e o registro de informações.

3 A resistência ao biopoder

É necessário destacar que Michel Foucault não ficou somente na análise do aspecto negativo do biopoder como uma expressão de fonte coercitiva.

Para ele, as relações de poder condicionam, estruturam, formatam a subjetividade humana⁸. Contudo, há nestas relações dois movimentos entrelaçados:

O primeiro, um componente de coerção, um fator de amoldamento; porém, há também um segundo de produção afirmativa possibilitando um constituinte inventivo potencializando a vida humana porque é intrínseco ao saber.

Portanto, dentro da própria rede do biopoder há *resistência*.

Ela tem início com a *crítica à captura da nossa forma de vida*, do nosso modo de ser frente àquilo que nos faz um molde formatado pela normalização.

Criticar é questionar a possibilidade efetiva de determinada condição ou fenômeno existencial, gerando por intermédio da problematização o saber resistente.

Assim sendo, resistir é problematizar o assujeitamento imposto pelo biopoder.

Em outras palavras, criticar aquilo que é determinado, estabelecido institucionalmente como verdade, incidindo sobre o que se sabe e sobre o que se faz.

Produzir uma *democracia crítica*, segundo Frédéric Gros⁹, é um *ato ético resistente* referenciado pelo princípio da justiça porque exige o questionamento da política, da gestão pública “formando” o nosso *si político*.

O autor analisa com propriedade as diferenças entre os conceitos de “desobediência civil” e a “dissidência” também chamada “objeção de consciência”.

A primeira supõe a organização de um coletivo estruturado por regras determinadas de resistência, um credo comum, ordenado para um objetivo político preciso: em geral, a revogação de uma lei ou de um decreto considerados injustos ou intoleráveis.

A objeção de consciência ou dissidência é quando um indivíduo isolado assume o risco de denunciar as falhas de uma instituição, a ignomínia de um sistema (*idem*, p. 149).

Historicamente, é possível identificar no “ensinamento” de Sócrates, ou melhor, na sua provocação do “exame da própria vida” ou do “cuidado com a própria alma”, a *resistência originária* exercida pelo saber da *ética* a partir da relação do indivíduo com ele mesmo, ou seja, do “cuidado de si”.

Logo, para nós, Sócrates foi o primeiro *dissidente ético* enfrentando a morte para defender os seus princípios de vida.

Em suma, o biopoder é um *poder-saber* que se instala como *verdade* reproduzindo na sociedade um modelo moral de normalização. Ele designa o *poder de*

⁸ Cf. HEYES, CJ. *Subjetividade e poder* in Dianna Taylor (ed.) *Michel Foucault: conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 204.

⁹ Cf. GROS, F. *Desobedecer*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

controle sobre o homem como *ser vivente*, incidindo sobre a sua *forma de viver*, encarcerando o seu *modo de ser*, o seu *Ethos*.

Contudo, não se olvide de compreendê-lo como uma *relação de poder*, uma condição em permanente inquietude: de um lado, há a imposição, o *assujeitamento*; mas, do outro, há *resistência* criando possibilidades de emancipação com os saberes que propiciam a eclosão de novas *formas-de-vida* do homem.

4 Considerações finais

O biopoder é definido como um dispositivo da “governamentalidade” moderna atendendo historicamente aos interesses do capitalismo, agindo, principalmente, por meio do saber da medicina sobre o corpo e sobre a população.

Entretanto, é preciso sublinhar na análise foucaultiana o sentido positivo detectado no processo de ação do biopoder sobre o indivíduo e a sociedade; pois, ao mesmo tempo, quando se impõe uma norma instalando um constrangimento e um limite, também se oportuniza uma emulação, por intermédio do saber intrínseco que gera mobilização, contraponto, resistência e promove a liberdade.

A análise efetivada por Michel Foucault sobre o biopoder é a referência da condição de possibilidade que permite afirmar o saber da *Ética-da-vida* ou *Aionética* como uma *Bioética de resistência*.

A partir da crítica à configuração aviltante da subjetividade humana determinada pelo *assujettissement*¹⁰ e o seu contraponto investido na atitude de resistência do indivíduo no processo de “subjetivação”, o saber da *Aionética* projetou o seu *exercício de experiência ética* (relativo ao *Ethos*) como uma *invenção de si-mesmo*.

É necessário afirmar: a vida não pode ser reduzida e nem prescrita por sua condição biológica específica. A vida humana por mais simples, repetida e até mesmo “socialmente imposta”, conserva sempre o caráter de uma resistência, isto é, coloca em jogo o próprio viver.

Há sempre *possibilidade de vida*, é forçoso acreditar na capacidade vital dos seres humanos enquanto seres vivos modelando a sua própria *forma-de-vida*.

Ao poder sobre a vida do biopoder, se responde com o *poder-da-vida*: a *biopotência*, isto é, a potência “política” da vida¹¹ na medida em que ela faz variar suas formas e inventa suas próprias dimensões de expressão.

O saber da Bioética como *Ética-da-vida* ou *Aionética* resiste por intermédio da experiência da *arte* provocando a ruptura do *eu-mesmo* da psicologia tradicional e possibilitando a eclosão de um novo *eu* denominado de *si-mesmo* expressando o valor da unidade *corpo-energia-mente*.

Eis o nosso desafio: ser *biopotência* e valorizar-se como *resistência ao biopoder*.

¹⁰ A tradução do francês deste termo é múltipla: “assujeitamento”, “subjugação”, “sujeição”.

¹¹ PELBART, PP. *Vida Capital: Ensaio de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2009.